

COSMO LITTERARIO

Anno I

Redactor M. A. Major

N. 7

Parte Litteraria

CONCEPÇÕES E PHANTASIAS

PAGINA SEPTIMA

O espirito litterario

Ao Sr. Dr. Marques da Cruz.

La civilisation a son flux et son reflux comme l'Océan; elle remonte aujourd'hui vers le plateau de l'Asie, et franchit l'Himalaya sur les ailes de la vapeur.

MÉRY. *Nuits d'Orient.*

Ha verdades que se não contestão; porque trazem consigo os caracteres inofuscaveis de sua evidencia ou porque mesmo acarretão consigo uma cohorte de proposições tão verdadeiras e inflexiveis, que impellem o espirito mais rebelde a aceitar-as não só como typos veros como tambem luminosos e coruscantes reflexos de uma luz, que collocada em alto e sublimado ponto diffunde e esparge com irradiação sem igual e prodigalidade infinda, globos illimitados e infinitos, que esclarecendo os pontos mais reconditos, as profundidades mais densas e as localidades mais longinquas, estabelece, para melhor exprimir-se, um sol sem manchas, um céu azul e sereno, onde só nuvens alvas e candidas passeiño como formas de voluptuosas huris nos paraísos do propheta — e o *espirito litterario* sendo a expressão genuina e a linguagem verdadeira do seculo, é sem duvida uma das verdades, que se não contesta nem contradiz sem esbatar-se ante as trincheiras invenciveis d'uma philosophia, em cujas bandeiras escreveu-se as theorias edulcoradas da perfectibilidade e cujas armas são as mesmas de que se servirão, os apostolos do Christianismo, quando quizerão catholizar os dictames do Sinai e os preceitos do Golphtha, e por consequencia se o *espirito litterario* não é a franca e externa expressão do seu seculo, se suas trincheiras

são reprovadas e suas armas estigmatizadas então cabir-se hia em um chãos mais denso e mais horrendo do que o chãos primitivo; porque se para o primeiro um Deos houve que do embrião fez surgir um mundo, no segundo, onde apparecem homens, as ruinas serião eternos documentos da fragilidade, que caracteriza a humanidade e além d'isto o espirito — que nos lga a Deus — volver-se hia a Deus, e a materia, como materia, gorgulharia no seu primitivo estado; porisso, atravez dos tempos anti-historicos, dos tempos trévosos e dos tempos civilizados, essa theoria ha sido apoiada e applaudida pelos homens, cujos nomes estampados nas paginas da historia, servem como de archotes para penetrar-se nos mais intrincados e nebulosos subterraneos do passado e como nuvens luminosas para facilitar ao presente a passagem atravez dos dedalos das civilizações preteritas e dos abysmos assas occultos e o mais das vezes encobertos por campinas de esmaltadas prados e de viçosas flores, essa theoria comprova-se universalmente; porque basta volver-se os olhos para uma região, estudar seus costumes e habitos, investigar sua marcha, comprehender suas tendencias; para que atravez d'este estudo e pesquisa manifeste-se o *espirito litterario*; basta ouvir-se os cantos dos Scal-des e as ballatas de Robin-Hood, as endeixas dos poetas meridionaes e os canticos de Ossian para saber-se qual é o espirito dos differentes povos e até mesmo qual é o clima de suas nações, é porque, no *espirito litterario*, reflecte a tendencia do povo; acaso quando a lua divaga em alta noute seus raios não se mirão nas ondas do oceano? Pois bem, se o espirito natural dos povos é a lua, o *espirito litterario* é o oceano.

As vezes ante a verdade dos principios sophisma-se e o firmamento da sociabilidade fica prenhe de paralogismos e errados systemas; então vocifera-se e ergue-se aos ares uma grita confusa, accende-se volções extinctos e o mundo intellectual fica como oscillante entre as ondas moveis e trevozas de fumaça enxofrada, turbilhões de fogo ameação incendiar os edificios dos melhores principios e das idéas elaboradas e sustentadas pelo labor de muitos seculos, rebentão-se as lavas, a cratera

Os Miseraveis verdadeiros

Romance original

DE

Manoel Antonio Major

PARTE PRIMEIRA

IV

O primeiro lance d'um miseravel

(Continuação do numero antecedente)

A imaginação é sem duvida a faculdade, por meio da qual o homem pouza como a aguia nas ethereas elevações, ou como o insecto entra-nha-se nas profundidades dos charcos e do oceano, ella reproduz com a magnificencia sem igual os factos objectivos em subjectivos e entre-

ga-se aos doces folguados ou aos mais horriveis pesares, transporta-nos á esses paraizos embellesados pelo buril de tantos artistas, cantados pela trovas dos cysnes de Apollo, e tornados immorredouros por esse gorgeio terno e poetico, que insinuando-se deleita, que deleitando eleva-se á persuazão, e que d'esta arranca o bello tornado geral e universal, e por seu turno atira-nos aos hediondos trilhos de um presente capcioso e de um futuro nublado pelas caligens tortuosas da duvida, que enrosca-se como uma serpente, que corre como o gamo metamorphoseando-se, como em um baile de mascaras, esses truões, que por mil momices, arrancão palmas, risos e ovações; scenario do bem e do mal, ella reproduz elevando ou destruindo as convicções internas, como o septentrião derruba tenros arbustos, *Dellile* cantou-a em seu poema, e esse mais habil versificador francez, cego mais tarde como Milton, immortalizou-a, e na verdade, apesar dos defeitos da exaggeração, a que está sujeita, d'esses sonhos dourados, que reproduz e d'esses futuros horridos, que alimenta; a imaginação é mais do que a memoria e a cons-

vomita, a terra treme em seu eixo, o sol pára no ponto vertical do seu zenith, o oceano invade a terra com suas ondas.... é um cháos: a tempestade brame, o trovão e a ruína succedem-se, vê-se desmoronar-se os mais alcantilados rochedos, submergem-se os valles e com elles os imperios, sossobram os navios, os peixes nadão nos cumes dos penêdos, a natureza geme e porque razão ha este tragico espectáculo? Porque não quer admitir-se a verdade historica e philosophica, cuja argumentação basea-se em principios, pede-se factos porque *ante os factos não ha argumentos*, pois bem sejamos complacentes, provêmos que a philosophia do seculo 19º é a unica capaz de comprehender a necessidade e façamos mais de uma vez a vontade a tão inhabeis antagonistas, desçamos da orbita elevada dos principios até a habitação dos factos, desenrolemos-os perante os olhos d'aquelles, que nos procurão ennevoar com barbaras denegridas e que, ante os factos, não recorão aos principios; porque então nem a complacencia existirá, nem tão pouco a philosophia os acompanhará em cavilozos subterfugios.

O ESPIRITO LITTERARIO é o espirito do povo.

Busquemos um facto e que a historia nos seja propicia:

Ninguém desconhece a primazia da França atravez dos seculos entre as demais nações, pois bem que ella nos forneça um exemplo ante o qual não se possa sophismar nem tão pouco fugir-se: Sabe-se as lutas da Gallia e as estrondosas guerras de Cesar, que derramarão no povo gaulez os alicerces da civilisação e corrupção romana, vê-se a luta ousada e terrivel d'esses dous elementos que se parecem contrarios; por quanto se um ensinava a independencia e acendia os brios da nacionalidade, e outro mais astuto ia cavando pouco a pouco a queda do heroismo e enfraquecendo com enganosos prazeres a tempera dos nêtos de Brenno, e sabe-se mesmo que o resultado d'essa pugna, foi que quando os Francos invadirão a Gallia não encontrarão mais do que homens fracos e molles; com a invasão franca nasceu um prejuizo — esse prejuizo creceu e no tempo de Luiz VI era grande; porque na França dous erão os estados; um forte, rico e poderoso, outro fraco, pobre e miseravel; porém se a testa da aristocracia estavam ardegos guerreiros, se o feudalismo roxeava os pulsos do pusillanime com as cadeias da ignominia, á testa do povo que soffria e que debatia-se appareceu a realza — a realza incarnando-se no povo, a realza que de Luiz VI e Philippe Augusto começou a

ciencia: porque em subjectivo contempla, analisa e reproduz mais depressa o mundo do que Deos; porque se este gastou em sua construcção seis epochas, ella em uma só percorre-a, contempla-a por meio da consciencia e reproduz raciocinando e por fim a impossibilidade e o impossível nada são diante d'ella.

A imaginação, para Benard, é *puramente reproductiva*, mas ella não se limita á esse acto passivo. As idéas e as imagens se succedem e se combinão no nosso espirito, obedecem por certo a concisas tendencias, em razão das quaes, ellas se lanção, se revolvem, e se associão de maneiras variadas. Aristoteles, Descartes, Spinoza e Condillac campeão no mesmo terreno; porém Reid e a escola escosseza separão-se.

O filho de Namur, lendo a carta do marechal, duque de Niemen, foi atacado pelos effluvios da *imaginação* em quanto creadora, se é que pode-se separar a criação da reprodução como admite Benard, ou antes elle foi atacado pela phantasia, que Pascal insulta com estolida franquesa; porém que Laromiguière, Kant e Mignet collocão em melhor

luta contra o feudo, que, de Philippe Augusto até Luiz XIII, as vantagens forão reciprocas; comtudo Luiz XI e depois d'elle Francisco I com seus torneios e justas já derrocavão alguns dos principaes baluartes de tão colossal gigante; em Luiz XIV deu-se decisivo golpe e o feudalismo cahiu; apoz o reinado glorioso do rei, que legou ao seculo seu nome. apparecem, como diz Chateaubriand, o travesseiro lascivo de Luiz XV e a sombra de Luiz XVI, opera-se uma revolução: o facto mais glorioso das victorias ganhas pelas idéas; porém apesar da pureza dos principios, dos bens que d'elles emanavão, sua execução abriu um abysmo e não deve-se confundir 1789 com 1793, não deve-se estigmatizar-se os que tomarão a Bastilha, porque entre elles alguns fizerão parte dos homicidios e barbaridades perpetradas em innocentes creanças, virgens, inoffensivos anciões e em offensivos barbaros aristocratas, deixe-se o Terror e a guilhotina e contemple-se essas sem iguaes victorias e esses sem émulo filhos da republica, admire-se estes e condemne-se aquelles, passe-se de relance Convenção, Directorio, Consulado, Imperio, as idéas apoucadas e sublimes, os adejos sublimes e os vôos rasteiros, opere-se a Restauração e com ella fusile-se Ney e Labedoyère e porfim analyse-se as tendencias do povo francez desde Cesar até Napoleão e se tudo isto não offerer um painel assaz vasto e um circulo assaz grande, então negue-se a verdade e labore-se em erro.

Passemos ao curso da litteratura e vejamos os seus desvios e carreira; deixemos a poesia começando em Rutilius Numa-tianus e cujos actuaes apostolos são Lamartine e V. Hugo, passemos á linguagem prosaica; porque em si reconcentra tudo, quando em tudo explica-se todas essas idéas de quantidade e qualidade, quando cathogorias e faculdades se constituem voluntariamente, enfim quando a *proza* não é um echo perdido ou uma voz triste e isolada: porém sim a linguagem de uma geração nobre, quando symbolisa o pensamento, as idéas d'uma sociedade; quando enfim os escriptores são outros tantos poetas; porque, na expressão do auctor da *Historia dos Girondinos*, não é só o que rima que é poeta.

A litteratura franceza é ao principio baça, depois torna-se reflexo e porfim é um sol:

Ville-Hardouin é o auctor da primeira chronica e o primeiro prosador intelligivel. *Joinville* é o primeiro prosador verdadeiramente francez, *Froissart* é o primeiro poeta e o

posição: elle, lendo a carta, entregou-se aos sonhos dourados, e cuidou achar-se possuidor das minas do Potosi, e sem mais conter-se, abriu o segundo pergaminho que continha essas linhas.

« Cara Lucia.

« Na pagina 235 das *memorias do Cardeal de Retz*, encontrareis um bilhete n'esses termos « *Recebi cem mil francos pela troca* » assignado por « Margarida tendo como testemunha o doutor parteiro, e por meio d'este « bilhete e d'essa carta arranjaréis á entrada de nossa filha de algum « modo honroso na sociedade, ainda que seja expondo-a com aquelle, que innocentemente usurpa os titulos honrosos de nossa caza.

« Campo de Smolenks 1812.

« Duque de Niemen. »

(Continúa)

melhor chronista do seculo XIV, *Commines* manifesta-se o primeiro historiador, porque conhece profundamente os homens e as couzas, julga o caracter, as formas e os fins dos governos, *Rabelais* traz consigo brandura e vivacidade, *Ami-yot* firmeza, *Calvino* precisão e correcção, *Montaigne* escrevendo uma eximia produção em prosa trouxe-se lhe a graça, *Pascal* fel-a incisiva e eloquente; inconstante e inexgotavel em formas e figuras em *La-Bruyère*, torna-se nobre e harmoniosa em *Fénélon*, augusta e magestosa em *Bossuet*, simples e severa em *Bourdaloue*; depois vem o seculo XIII, e, no seu principio, a linguagem torna-se pura, facil, rapida e flexivel, isto é: tornou-se uma linguagem que traduzindo o pensamento ia fallar aos homens de uma maneira agradável como se n'ella existisse uma melodia que lhe era particular: *Voltaire*, *Montesquieu*, *Vauvenarges*, *Fontenelle*, *Lesage* e o escossez *Hamilton* são os apostolos d'esta epocha: a prosa adquire qualidades nobres com *Buffon* e *Rousseau*, este da-lhe a graça, a simplicidade e o enthusiasmo d'essa eloquencia arrebatadora, aquelle fornece-lhe a elegancia. Com o seculo XIX appareceu a reacção contra os máos imitadores de tão bons mestres, que sacudiu o jugo voltairiano: *Chateaubriand* derrocou as aras pagãs e converteu-as em altares christãos, cinzelou, aperfeiçoou, collocou em orbita superior a critica historica e com a melodia natural, com o colorido de seus quadros, expressões, figuras, laivos e formas novas, transformou a prosa em poesia e fez-se o primeiro poeta da prosa franceza no mesmo tempo em que o imperio fazia-se o primeiro governo entre os demais governos francezes; *Mme Stael* associou o elemento germanico ao christão, esta e aquelle proclamam o espiritalismo e victoriarão a sciencia; então cahiu a má imitação de *Voltaire*; a philosophia exagerada que apregoava a liberdade sem um limite, o direito sem o dever, a philosophia absoluta que só clamava em prol do limite e do dever recuarão para dar lugar a conciliação em cuja frente marchava *M. Cousin*, retrocederão ante o *systema ecclético*, que concilia as philosophias exclusivas, que até mesmo une a philosophia á theologia christã; e quando outr'ora fazia-se celeumas na esthetica por pequenas infracções de estylo e certas regras, resume-se ella hoje nas fontes da antiquidade e remonta-se com reflexão até nossos dias e para mesmo comprehender-se como o *espirito litterario* recebe a impressão do espirito do seculo, comparemos os escriptores d'este seculo: Quando ha guerras eis *Napoleão* e suas proclamações, quer a aristocracia negar a soberania popular ali tem *Bonald*, quer o povo fazer tremer um throno ali vae *Beranger*, querem os velhos do nosso seculo, isto é os filhos do seculo XVIII, gritar contra as instituições actuaes, ali tem *Nizard* como chefe da reacção classica contra a nova escola litteraria, pede-se romantismo e nuvens de phantasias, ali tem *Dumas* e mil outros e alem d'isto: *George Sand* para os celibatarios, *Koch* para os meninos, os contos de *Musset*, e os folhetins de *Janin* são os alimentos d'essa fracção que crê e duvida, que toca as raias da phantasia e os extremos da realidade, enfim se o seculo pender para taes ou quaes conjecturas taes ou quaes escriptores irão satisfazel-o; porque se uns mergulhão-se nas agoas da sensualidade, se descrevem voluptuosas formas e pintão lascivos desejos e paixões, outros manifestão

o brilhantismo da virtude. o bello do real e vão patentear o marasmo que atrophia a humanidade.

Se o painel que descrevemos é insufficiente, se ante os factos não ha argumentos, digamos apenas para salvar a honra dos principios, que é sempre ante as idéas que se desenrolam as maravilhosas cadêas de acontecimentos, e que a idéa clara ou obscura sempre é idéa; porque em si resume o evangelho do pensar de muitas gerações, porque é sempre nos cogitares e no subjectivo que a philosophia trabalha: em outras epochas procurando a verdade, e hoje dando-lhe as consequentes amplidões e procurando catholicisal-a; e, se o *espirito litterario* foi na India, na China, no Egypto, Grecia e Roma, o estandarte das concepções nacionaes, a oriflamma entusiastica das gerações de outr'ora, se suas victorias são innumeradas, se seus campeões são outros tantos heroes e martyres, não é possível que a mocidade do seculo XIX comprehendendo a missão augusta das idéas, cruze os braços como as tetricas figuras de Byron, não é possível que em seus corações não palpitem um resto d'esse fogo ardente e volcanico.... A verdade ve-se: A mocidade viu a primazia das idéas — e correu as armas.

Travou-se a luta mais renhida que conhecer-se pôde; o indifferentismo entrincheirou-se carregando, os seus canhões, de metralha, a inveja cerrou columnas, o orgulho poz em campo seus cavalleiros, rupharão os tambores das dissidencias, o corcel da impiedade cavou o chão ouvindo o clangor de mil trombetas, a terra abalou-se e a campanha encetou-se: Foi um combate de combates, morrerão campeões de lado a lado, derramou-se muito sangue; porém a mocidade e o *espirito litterario* lograrão vencer; morrerão os generaes mais abalisados como sejão Junqueira Freire, Alvares d'Azevedo e Casimiro de Abreu e forão feridos outros muitos, a perda de cada um d'elles foi chorada; porém se o thebano Themistocles deixou como suas filhas as suas duas victorias — estes ardegos guerreiros legarão suas obras como outras tantas pyramides de seu valor. Agora so ouve-se murmurios — é o inimigo, que sentindo-se fraco para nos fazer face, murmura e calumnia; porém a mocidade caminha e o espirito litterario triumpho.

Major. ✓

Parte Poetica

O pobre

O. D. C. a meu amigo G. de A. F. Jacobimo.

Esmola, esmola pelo amor de Deos.

F. N.

Tão miserando n'este mundo vaga
Um infeliz, se a pobreza o cobre
Estende a mão um esmola pede,
O pão mendiga porque elle é pobre.

Envergonhado vai pedir a noite,
Porque já foi rico o seu rosto esconde,
Agora pobre só pedindo esmolas
— Não pôde ser — o rico lhe responde.

De porta em porta tão envergonhado,
Elle coitado assim vai pedindo;
E sustentado por fiel cajado
Tão alquebrado quasi vai cahindo.

So miseria na desgraçada vida,
Em quanto dia na morada existe;
Chorando passa, suspirando sempre
A' noite pede, que o pedir é triste,

Tremendo de frio em geladas noites
Eil'o que sabe, e outra vez implora,
« Esmola ao pobre que não tem recursos, »
Verte lagrimas, o seu rosto cora.

Andrajos veste e vagaroso segue,
Curvado as dôres de horrorosa fome!
Ao céu dá graças quando os olhos ergue
E um ai — desprende, que no espaço sóme.

Tão miserando n'este mundo vaga
Um infeliz se a pobreza o cobre
Estende a mão, uma esmola pede,
O pão mendiga; porque elle é pobre.

Leite de Campos.

Carapuças

(Continuação)

XII.

Quando a Litteratura
Cada vez vai em regresso,
Por causa de tantos genios
Que se julgão no progresso;

— Contou-me certo menino,
Que com muita primasia,
Da idade d'oito annos,
Já fazia... poesia!

XIII.

Quando os jornaes vão ganhando
Com os dois do Sancto Imperio,
Que discutem pela imprensa
Qual d'elles é o mais serio;

Um grande certo coureiro
Pouco brilhante de luz,
Pra figurar nos jornaes,
Assigna em tudo de Cruz.

XIV.

Quando mais se augmentão crimes
Do horrorozo homicidio,
Os que aborrecem a vida,
Lanção a mão do suicidio;

Os jornaes de outro dia
Fazem funebre menção
E com tanto *sans façon*,
Que nos convidão a acção!

XV.

Quando a policia é activa
Nas ruas fóra de horas,
Os ladrões andão impunes,
Te vestidos de senhoras;

Vão pescando ao anzol,
Tudo que vão encontrando;
Um caixeiro dos *Adellos*
Sem pernas hia ficando!

XVI.

Quando o Brasil sente falta
De soldados para marchar,
Ve-se nas ruas *morcegos*
A fim de nós recrutar,

Tantas mães desnaturadas
E almas tão *bemfazejas*
Que deitão fóra os filhinhos,
Nas ruas e nas ruas

XVII.

Quando a figura — justiça —
Jaz por terra maltratada,
Sem os braços e pescoço
Porque foi decapitada;

Homens moços e robustos
Do *supremo* demittidos,
Talvez porque fallem muito
E não votem nos pedidos!

XXIII.

Quando o clamor se levanta
Por causa da carne couro,
Que se vende nos açougues,
Por ordem do Mattadouro;

Quem móra lá no Flamengo
Chóra que nós causa magoa
Da-se ataques no *Passeio*,
Tudo por falta d'agua!

XIX.

Quando os namorados d'hoje
Já escrevem sem receio,
Nas folhas commerciaes,
Fazendo d'ellas correio;

Outros já aborrecidos
Da *má* vida de solteiro,
Pedem tambem por jornaes
Uma esposa com dinheiro!

Carlos Pinheiro.

Ao Publico.

A nossa boa estrella fez-nos deparar com a poesia abaixo inserta, é ella do nosso finado poeta Casimiro de Abreu e afiançamos que é inédita e que será aceita por todos aquelles que presão o estro de tão sublimado poeta; comtudo fazemos esse pequeno annuncio para prevenir enganos e para que o publico conheça o quanto trabalhamos para agradal-o.

REDACÇÃO.

No Album de Nicoláo Vicente Pereira

INÉDITA

Tudo muda com os annos!
A dor — em doce saudade,
Na velhice — a mocidade,
A crença — nos desenganos! —
— Tudo se gasta e se afeia,
Tudo desmaia e se apaga
Como um nome sobre a — areia
Quando cresce e corre a vaga.

Feliz quem guarda as memorias,
As lembranças mais queridas,
No livro d'alma esculpidas
Gravadas fundas em si! —
— Essas durão; mas que vale
Um nome desconhecido
Se ha-de ser logo esquecido
O nome que eu deixo aqui?!...

Rio de Janeiro 19 de Março de 1860.

CASIMIRO DE ABREU.

Recebe-se assignaturas n'esta typographia e na rua do Par-
to n. 110, e roga-se aos Srs. que possuem listas com assigna-
turas, o favor de nos remettel-as afim de fazer-se a distribui-
ção dos jornaes.

Typ. de C. A. de Mello, rua do Sabão n. 130.